

HISTÓRIA DE VIDA – EXPERIÊNCIA EM ELABORAR RELATO ESCRITO JUNTO A UM IDOSO.

Patricia Kok Geribello de Ferreira Cabral
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP
Pós Graduanda em Gerontologia)

RESUMO: Este texto traz a experiência junto a um idoso em relatar sua história de vida de forma escrita. São tecidas considerações a respeito do significado desse tipo de projeto para o ser que envelhece e considerações sobre a historicidade humana como construção subjetiva. O trabalho da reminiscência em sujeitos idosos parece exercer uma função de articulação temporal entre o passado e o presente. Além disso são observadas algumas constatações sobre as transformações que a vivência da longevidade pode propiciar. A relação com o outro tornando viável o projeto é considerada. Finalmente conclui-se que a escrita elaborativa parece exercitar funções de ressignificação e a percepção de movimentos psíquico, derrubando o antigo mito da rigidez e dificuldades dos idosos aceitarem mudanças.

PALAVRAS-CHAVES: envelhecimento, história, projeto de vida.

ABSTRACT: This text brings an experience near an aged person reporting his history of life under a writing expression. Considerations about this kind of project for people becoming aged and about human self history like a subjective construction were reflected on. The reminiscence labour in aged person works in a temporal labour between the past and the present. Otherwise occurs some transformations that can be noted with that longevity can provide in our life. Only with the relation ship with the other listening can make available this kind of project. Finally we observed that the exercise of writing can give the opportunity of creating new meanings and the awaking of psychological movement breaking the hardness ancient myths about aged person difficulties accept changing in theirs lives.

KEY-WORDS: ageing, history, project of life

*“Ainda mais indizível é aquilo que vem depois. Mas o que vem depois? Estamos realmente certos de que vai acontecer algo que mereça ser contado e que um dia alguém contará?” (Norberto Bobbio, *O Tempo da Memória*, 1997, p.38).*

O tema história é inerente ao ser humano; podemos dizer que somos humanos pois fazemos e temos história. No entanto, embora a história se mostre mutável, fluida, nos ancora e nos referencia em um tempo-espaço. Segundo Merleau Ponty *“a história não é a ausência de sentido, sem o que, ela não seria humana, mas também ela tem, não um sentido como um rio, mas sim sentido.”* (Coelho, 1992, p.60). Temos, então, a possibilidade da inevitável construção de subjetividade humana. Essa subjetividade se dá em sujeitos, que existem em um corpo, em um espaço, em um tempo e em relação a outros sujeitos. Na confluência desses aspectos é onde se dá a história e a historicidade humana.

Entretanto a historicidade humana está marcada por onde nos situamos, na localização e temporalidade em que vivemos e nos referenciamos; porém, ela é fruto dessa existência (humana) que pode ser refletida, representada, portanto, percebida por nós em um determinado tempo e lugar. Nesse campo, fluido, mas referenciado, livre, mas marcado, é onde encontra-se o sujeito histórico. O tempo deixa sua marca nessa construção histórica e subjetiva. Segundo Goldfarb o trabalho do tempo é também a construção de subjetividade. (Goldfarb,1998).

Podemos dizer que é característico, para quem se dispõe a escutar um ser humano, o interesse pelo pensamento expresso e não expresso, dizível e indizível, resgatável e inacessível. Esses pensamentos são constitutivos e possibilitam a reflexão da história vivida. E história de vida, seja ela escrita, documentada ou narrada está no campo das representações.

Sem aprofundar a questão das representações, afinal esse conceito é um dos mais complexos da psicanálise, enfatizamos estar num campo fronteiro do aparato psíquico e as pulsões¹. Ampliando essa reflexão, é no campo das representações que está a

¹ Segundo Garcia-Roza *“Pulsão e representação constituem-se na relação uma à outra, simultaneamente, sem que seja possível imaginarmos cada uma delas isoladamente, embora contraponham-se como duas exterioridades. Nessa relação entre o aparato psíquico e a fonte somática de estimulação é a pulsão que funciona como elemento de articulação”* (Garcia-Roza, 1995, p. 252).

concretização de um ato do pensamento, em especial a reprodução de uma percepção anterior.

Como expressa Montenegro,

“O tempo histórico, não é o tempo vivido. A história escrita, documentada, distingue-se do acontecido, é uma representação. E neste hiato entre o vivido e o narrado localiza-se o fazer próprio do historiador.” (Montenegro, 1994, p.10)

E como tornar viáveis, documentadas, traduzíveis histórias de vida ? Qual será a função elaborativa de uma proposta como esta para quem se dispõe a realizá-la?

Inicialmente entrevistamos um idoso de 80 anos, tendo como objetivo incentivá-lo a escrever sua história, acreditando que esse projeto poderia estimulá-lo a realizar uma tarefa baseada em reflexões e exercícios de escrita e memória.

Montenegro (1994) compreende a história como uma construção que, ao resgatar o passado (campo da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro. Esse operar encontra no sujeito um processo semelhante, por intermédio das memórias e das reminiscências.

Segundo Goldfarb, a função das reminiscências em sujeitos de idade mais avançada é a de *“realizar uma articulação entre a dimensão do passado e as circunstâncias do presente, outorgando um sentido de comando da realidade e continuidade do ser”*(Goldfarb,1998, p.82).

O idoso sujeito deste trabalho mostrou-se reticente, temeroso após a conversa inicial na qual foi sugerido o projeto. Deixa isso claro quando verbaliza: *“mas quando eu acabar, vou morrer?”*. Será que podemos ler nessa frase um medo ou a noção da finitude começando a ser nomeada, vivenciada? Percebemos também que juntamente com o suposto medo há um interesse por começar o projeto. Isto é, somente se iniciada, a proposta poderá ser terminada. Parece que descortina-se um novo interesse, uma possibilidade de investimento, de vida.

Em um segundo momento foi feita uma proposta mais concreta. Após uma entrevista aberta, ele se mostrou preocupado e demonstrou uma autocrítica enorme quanto a dois aspectos principais: forma e conteúdo. Referia não saber por onde começar, como escrever, com uma preocupação quase acadêmica, o que paralisava a ação, apesar da visível disponibilidade e interesse.

Ressaltamos que, para essa pessoa, a escrita e as atividades intelectuais estiveram permeando toda a vida. Agrônomo, formou-se cedo e tornou-se industrial. Além das atividades industriais, exerceu atividades políticas bastante representativas. Aos 80 anos, diríamos que é um homem público e a tarefa que nos dispusemos a efetivar, em caráter privado, demanda certa dificuldade nesse ponto. Tendo o cuidado e a coragem em se expor, tornando público aspecto de sua história de vida.

No início parecia quase acanhado com a idéia, no entanto, conforme fomos conversando percebemos um envolvimento cada vez maior com as próprias lembranças. Parece que a escuta sem críticas ou qualquer pretensão, formou uma cumplicidade entre nós.

Marca-se nesse momento o início da criação de uma obra. E, afinal, como o autor se relaciona com sua obra, qual caminho é esse a ser percorrido, onde se pressupõe um envolvimento emocional e um raciocínio que permitam a escrita e a leitura posteriores?

Ruth Gelehter, em sua dissertação de mestrado, elabora com clareza essa questão:

“Assim a revelação que a obra nos propicia segue o caminho do envolvimento emocional e de um raciocínio, cujo percurso nem sempre é apreendido de imediato”(Ruth Gelehrter, 1987, p.10).

Isto é, não sabemos de antemão como será esse percurso a ser explorado, pudemos apreender que a relação de escuta, envolvimento e disposição para viver um desconhecido que envolve este projeto se tornaram importantes.

Algumas frases foram marcantes nessa entrevista, as quais enfatizamos, pois demonstram o árduo processo psíquico que envolve uma elaboração de história de vida: *“Nossa, sou mais velho que meu pai !”*. Essa percepção denota representações muito significativas e levam-nos a refletir sobre a magnitude da vivência experimentada pelos velhos de hoje, que vivem muito mais tempo que os próprios pais (seu pai faleceu aos 63 anos). A longevidade hoje é um aspecto humano que deve trazer diversas transformações em nossas existências.

“Tem coisas que eu não vou poder saber nunca mais, todos que saberiam sobre isso já morreram”. Como preencher essas lacunas? Acreditamos que a criação histórica dos vácuos cronológicos tem, portanto uma função. Isto é, aquelas *“coisas que não vou poder saber mais”*, certamente tiveram uma função subjetiva e, para ser possível relatá-las num

contexto, pode se recriar o passado e usufruir a liberdade que é permitida nessa proposta. Essa é a liberdade humana.

O nosso objetivo, porém, é tornar o subjetivo, o sonhado passível de ser compartilhado pelo outro, escrito, atualizado. Iniciamos o processo pelo índice, por sugestão do próprio idoso. Isto é, através dessa primeira entrevista pontuamos, selecionamos, nomeamos momentos significativos que poderiam ser desenvolvidos, repensados e escritos posteriormente. Como uma formulação lógica, no intuito de organizar pensamentos e relatos.

Durante o processo as conversas telefônicas foram importantes para alimentar esse empreendimento como na seguinte mensagem : *“nunca imaginei que tivesse tanto para contar, em algumas horas, escrevi 10 páginas!”*.

Demoramos um tempo para um novo encontro e, para ele, a troca, a escuta são fundamentais no andamento do projeto. (Será dependência, medo ou a necessidade do olhar e disponibilidade do outro para o desenvolvimento dessa atividade?) Pode-se ampliar essa questão para reflexões sobre a função do outro, para um idoso que deseja desenvolver esse tipo de projeto. O envolvimento do outro é condição para que ele aconteça. O desenvolvimento está arraigado na relação de alteridade.

“A psicanálise nos mostra que o processo de subjetivação só é possível na alteridade histórica...Não há história sem o outro, não há história no isolamento.”(Goldfarb,1998,p.68).

No entanto, o investimento libidinal necessário para viabilizar o projeto, o trabalho de reelaboração e ressignificação da vida que está em pauta ocorre na troca, escreve-se em relação ao leitor, não preso nele, mas ligado a ele.

No caso o estímulo mostra-se fundamental nessa empreitada. Percebemos um prazer enorme ao contar, ao resgatar o passado, ao relatar suas histórias enquanto vivíamos a segunda entrevista.

Qual será a necessidade desse estímulo, que forças o impedem de caminhar sozinho? Talvez o envelhecer já seja uma empreitada solitária, a possibilidade de compartilhar mostra-se prazerosa, com maior demanda de investimento e movimento de vida.

Uma questão marcante nesse encontro se relaciona à angústia ao lembrar-se de algo do passado remoto e dificuldade de lembrar algo mais recente, os lapsos de memória. Ele

mostra com maior clareza as dificuldades e uma atenção a elas, isto é, uma não negação dos 80 anos que lhe são devidos sem, no entanto, uma pré-determinação do que significa estar com 80 anos. Afinal até que ponto a marca cronológica determina o envelhecer ? Joel Martins muito nos ensinou ao traduzir essa inquietação moderna em seu belo artigo “*Não somos cronos, somos Kairós*”, referindo-se a diferença essencial entre o tempo cronológico e o tempo vivido, onde, esse último, nos referencia enquanto seres humanos.

O idoso relata um encontro que teve há alguns dias, no qual não se lembrara de uma pessoa que foi vice-presidente da indústria na qual era o presidente. Porém lembrava-se perfeitamente do administrador da fazenda que freqüentara na infância. Além da angústia causada por essa experiência, percebe-se a função do relacionamento afetivo com a fazenda e a indústria. Afinal ele é agrônomo, apesar da importante atuação como industrial. Esses relacionamentos marcantes podem ser resgatados nas reminiscências de formas distintas, causando até estranheza para quem os vive.

Reafirmando a noção da importância do vínculo e do estímulo em um novo contato telefônico ele diz estar “*padecendo de uma doença*”.

Afinal que doença é essa? “*Esriptorragia*”. Ironicamente, e com muito humor, ele inventa essa palavra para definir o prazer e a disposição que vão sendo experimentados nesse novo projeto, nessa escrita elaborativa de sua história.

Concluimos que esse exercício que nos dispusemos a efetivar tem várias funções, podendo tornar viável a troca entre gerações e a apropriação da história como forma de garantir o interesse pela vida.

A escrita elaborativa para um sujeito de 80 anos parece exercitar as funções de ressignificação e a percepção dos movimentos psíquicos. Novos arranjos podem ser feitos e o investimento libidinal está presente. Nesse aspecto há a derrubada do antigo mito da rigidez e da dificuldade dos idosos em aceitar mudanças.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de – *A Velhice*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

BOBBIO, Norberto – *O Tempo da Memória. De senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

BROCHSZTAIN, Clara – “O susto ao espelho: um estudo psicológico do envelhecer”. *Revista Kairós Gerontologia*, 1: 93-102, São Paulo, EDUC, 1998.

COELHO JÚNIOR, Nelson e Carmo, P.S. – *Merleau Ponty: a filosofia como corpo e existência*. São Paulo, Escuta, 1992.

CRITELLI, Dulce Mára – *Analítica do Sentido. Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo, Brasiliense, 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo – *Introdução à Metapsicologia Freudiana; artigos da metapsicologia*. Rio de Janeiro, v.3, Jorge Zahar Editora, 1995.

GELEHRTER, Ruth – *Velhos Indignos*. Dissertação de Mestrado. PUC- São Paulo, 1990.

GOLDFARB, Délia – *Corpo, Tempo e Envelhecimento*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998.

MARTINS, Joel – “Não somos cronos, somos Kairós” *Revista Kairós Gerontologia*, 1: 11-24, São Paulo, EDUC, 1998.

MERCADANTE, Elisabeth – *A Construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso*. Tese de Doutorado. PUC – São Paulo, 1997.

MESSY, Jack – *A pessoa idosa não existe – uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo, Aleph, 1993.

MONTENEGRO, Antonio Torres – *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo, Contexto, 1994.

MOREIRA, Balthazar de Godóy – ... *E os Campos do Jordão foram Pindamonhangaba - minhas memórias da guarda*. São Paulo, Sociedade Amigos de Pindamonhangaba, 1969.

SZOLNOKY, Maria Issóo – *Lembranças*. Livro autobiográfico não editado. São Paulo, 1994

Patricia Geribello Cabral
São Paulo, 08 de Junho de 2000